MULHERES, VOZES E RESISTÊNCIAS: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Maria Marta RODRIGUES DO PRADO, Prefeitura municipal de São Carlos/SP
Fabiana MARINI BRAGA, Universidade Federal de São Carlos/SP
Eixo 04: Educação de Jovens e Adultos
CAPES
maria.prado@professor.saocarlos.sp.gov.br

Resumo

O presente relato de experiência tem como objetivo apresentar e refletir sobre práticas pedagógicas desenvolvidas durante o mês de março de 2026, em uma turma multisseriada de Termo I e II da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na cidade de São Carlos/SP com o tema “Mulheres”, por se tratar do mês onde comemoramos o dia das mulheres. As atividades correspondem às ações desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa a Iniciação à Docência (PIBID), mais especificamente, do subprojeto Alfabetização na EJA desenvolvido no curso de Licenciatura em Pedagogia em parceria com a Escola Municipal de Educação de Jovens e Adultos. Com base nas contribuições de Paulo Freire (1987) e Bell Hooks (2013), os resultados indicam fortalecimento na formação crítica dos/as educandos/as por meio dos espaços de escuta e de diálogo que integrem conhecimento acadêmico e realidade social, promovendo uma educação transformadora na EJA.

Palavras-chave: EJA. EDUCAÇÃO. PIBID.

1. Introdução

No contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), percebemos um espaço de reconstrução de trajetórias de vida que foram interrompidas por diversos fatores, sempre deixando o legado da educação em segundo plano, por isso a importância de valorizarmos as experiências de vida dos sujeitos a partir de práticas pedagógicas democráticas que dialoguem com a realidade dos/as educandos/a, promovendo criticidade e compromisso com a transformação social.

O trabalho foi desenvolvido em uma unidade de ensino da rede municipal de São Carlos, sala multisseriada de EJA - Termos I e II do Ensino Fundamental I, composta por seis educandos/as, sendo três estudantes do Termo II, já alfabetizados/as, e três

estudantes do Termo I, ainda em processo de alfabetização. A turma é formada por educandos/as com idades entre 39 e 67 anos, caracterizando a diversidade presente na EJA, tanto em relação às trajetórias de vida quanto aos diferentes ritmos e experiências de aprendizagem. Trata-se de uma sala predominantemente feminina, composta por quatro mulheres e dois homens, o que também contribuiu para os diálogos e reflexões desenvolvidos ao longo das atividades propostas.

Freire (2019, p. 90) defende uma prática educativa progressista e democrática, de modo que “a democracia, como qualquer sonho, não se faz com palavras desencarnadas, mas com reflexão e prática”. Se a opção das/os educadoras/es for progressista e democrática, é no processo de ação-reflexão-ação que se deve sempre buscar a coerência entre o que se faz e o que se pensa e fala. A práxis se constitui da junção entre ação e reflexão que é constituída pela palavra, a essência do diálogo.

O trabalho com o tema “Mulheres”, desenvolvido ao longo do mês de março, guia o presente relato na argumentação sobre a necessidade das práticas pedagógicas estarem pautadas em uma perspectiva democrática e libertadora.

2. Fundamentação Teórica

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) exige práticas pedagógicas que ultrapassem a dimensão instrumental da alfabetização, incorporando uma perspectiva crítica, dialógica, emancipadora e socialmente comprometida. Nesse contexto, este trabalho fundamenta-se nas contribuições de Paulo Freire, Bell Hooks e Miguel Arroyo, cujas abordagens convergem na defesa de uma educação como prática de liberdade.

De acordo com Paulo Freire (1996), ensinar não se limita à transmissão de conteúdos, mas implica a criação de possibilidades para a produção ou construção do conhecimento. Nessa perspectiva, a alfabetização deve estar articulada à leitura crítica da realidade, considerando os saberes prévios dos educandos e suas experiências de vida. O autor critica o modelo de educação bancária, no qual o aluno é visto como um recipiente vazio, e propõe uma educação problematizadora, baseada no diálogo e na construção coletiva do saber (Freire, 1987).

Em consonância com essa abordagem, Bell Hooks (2013) propõe a pedagogia engajada, na qual o ensino é compreendido como um processo que envolve dimensões cognitivas, emocionais e sociais. Para a autora, a sala de aula deve ser um espaço de liberdade, onde todos os sujeitos possam participar ativamente do processo educativo. Segundo a autora, “a educação como prática da liberdade é um modo de ensinar que qualquer pessoa pode aprender”. (Bell Hooks, 2013, pg.25).

A noção de educação como prática de liberdade, amplamente discutida por Bell Hooks (2013), dialoga diretamente com o pensamento de Paulo Freire (1987), ao defender que o ensino deve promover a conscientização crítica dos sujeitos. Nesse sentido, a educação torna-se um instrumento de transformação social, especialmente quando voltada à problematização das desigualdades de gênero, raça e classe.

Outro conceito fundamental na obra de Bell Hooks é a valorização da voz dos educandos. Para a autora, o ato de falar e ser ouvido constitui-se como prática essencial no processo educativo, sobretudo para sujeitos historicamente silenciados. (Hooks, 2013). Nesse sentido, destaca-se a importância de se construir um ambiente de aprendizagem participativo pautado no reconhecimento das experiências individuais como fonte legítima de conhecimento.

A discussão sobre as múltiplas formas de opressão também ocupa lugar central na teoria de Bell Hooks. A autora analisa como o sexismo, o racismo e as desigualdades de classe se articulam, produzindo experiências distintas de exclusão. Em sua obra, Hooks (2000) destaca que o feminismo deve ser compreendido como um movimento para acabar com o sexismo, a exploração e a opressão, ampliando o debate para além das questões de gênero isoladas.

Além disso, Hooks (2001) enfatiza a importância do amor como uma dimensão ética na prática pedagógica. Para a autora, educar com amor significa estabelecer relações baseadas no respeito, na escuta e no compromisso com o desenvolvimento integral dos educandos. Essa perspectiva é especialmente relevante na EJA, considerando as trajetórias marcadas por exclusão e desigualdade vivenciadas por muitos estudantes.

Por fim, tanto Paulo Freire (1987) quanto Bell Hooks (2013) compreendem a educação como um ato político, pois articulam o processo de alfabetização com temas sociais, como a valorização das trajetórias femininas e a problematização das violências de gênero, criando-se um ambiente educativo que favorece a formação de sujeitos críticos, conscientes e atuantes na sociedade.

Nessa perspectiva, Miguel Arroyo (2017) destaca que os sujeitos da EJA são portadores de saberes construídos ao longo da vida, sendo essencial que esses conhecimentos sejam reconhecidos e valorizados no processo educativo.

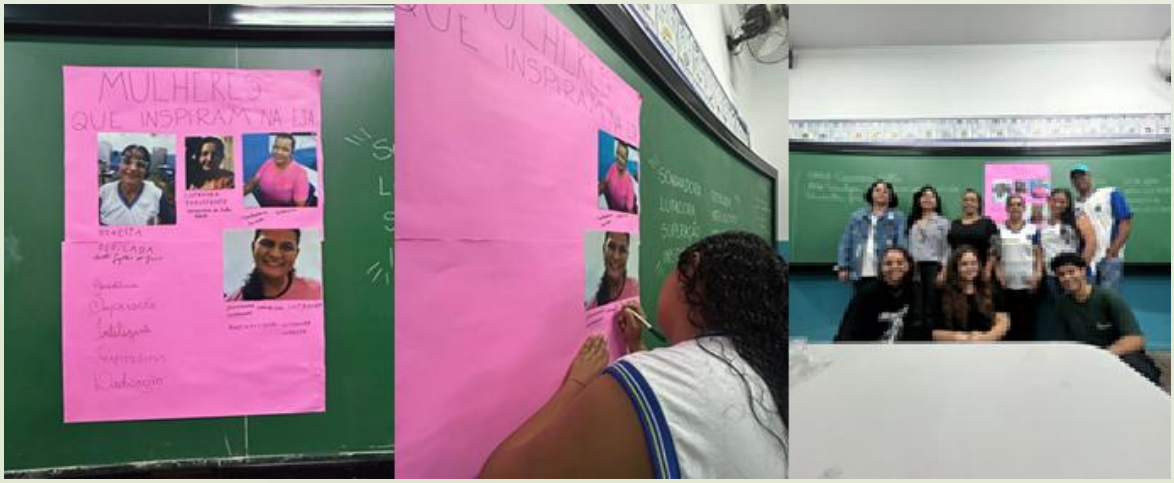
Portanto, destaca-se a relevância de promover uma educação entendida como prática de liberdade, em que possibilite a construção coletiva do conhecimento a partir da realidade social dos/as educandos/as, com vistas à transformação social. No caso aqui do relato apresentado, as discussões sobre a desigualdade de gênero contribuem para esta abordagem crítica e emancipatória.

3. Procedimentos metodológicos

A proposta pedagógica foi desenvolvida ao longo do mês de março em uma turma multisseriada da Educação de Jovens e Adultos (EJA), composta por estudantes dos Termos I e II do Ensino Fundamental I, que se encontram em diferentes etapas do processo de alfabetização. As atividades envolveram momentos de leitura, escrita, oralidade, produção artística e práticas lúdicas, sempre buscando respeitar os conhecimentos, as vivências e os diferentes ritmos de aprendizagem dos/as educandos/as, em consonância com a Proposta Curricular da EJA – Primeiro Segmento (RIBEIRO, 2001).

Intitulada “Mulheres, vozes e resistência”, a proposta teve como principal objetivo valorizar trajetórias femininas marcadas pela luta, pela resistência e pela transformação social, aproximando arte, literatura, ciência e experiências de vida dos/as estudantes da EJA. Todas as atividades foram organizadas de forma contextualizada, partindo da realidade da turma e promovendo espaços de diálogo, escuta e construção coletiva do conhecimento, inspirados na perspectiva freireana de educação.

Figura 1: Atividade com palavras de incentivo para “Mulheres que inspiram na EJA”



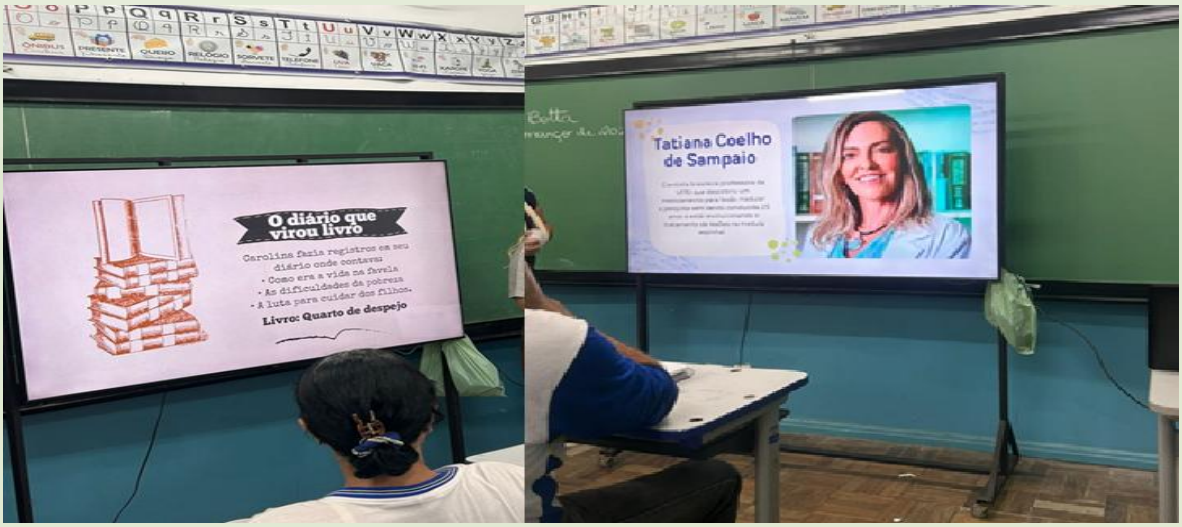
Fonte: Autoria própria (2026)

Inicialmente, trabalhamos o contexto histórico do Dia Internacional da Mulher, refletindo sobre suas origens, conquistas e significados sociais. A partir dessas discussões, foram apresentadas histórias de mulheres que marcaram a sociedade por meio de suas lutas e contribuições, como Cleópatra, Maria da Penha, Rosa Parks, Marta e Malala Yousafzai. Essas trajetórias possibilitaram conversas sobre direitos, resistência, preconceito e emancipação feminina. Também buscamos valorizar referências próximas da realidade dos/as educandos/as, como Ruth Bloem Souto e Dona Alexandrina, fortalecendo a identificação da turma com os conteúdos trabalhados.

Nesse contexto, a trajetória de Frida Kahlo foi apresentada como uma possibilidade de refletir sobre arte, identidade e vivências pessoais. Mais do que conhecer a artista, os/as estudantes foram convidados/as a perceber como a arte pode expressar sentimentos, dores, memórias e formas de enxergar o mundo. A atividade foi desenvolvida por meio de uma aula dialogada, utilizando cartões organizados em linha do tempo para relacionar vida, obra e contexto histórico da artista. Como desdobramento, os/as educandos/as produziram autorretratos, atividade que despertou reflexões sobre autoestima, identidade e empoderamento feminino.

A escrita como forma de expressão e transformação social também foi trabalhada a partir da obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, de Carolina Maria de Jesus. Ao conhecerem a história da autora e os relatos presentes em seu diário, os/as estudantes puderam refletir sobre desigualdade social, pobreza, preconceito e invisibilidade social. A leitura da obra permitiu discutir como a escrita pode dar voz a sujeitos historicamente silenciados e, ao mesmo tempo, possibilitou que os/as educandos/as se reconhecessem como pessoas capazes de contar suas próprias histórias e interpretar criticamente a realidade em que vivem.

Figura 2: Slides da escritora Carolina Maria de Jesus e da cientista e pesquisadora Tatiana Lobo Coelho de Sampaio



Fonte: Autoria própria (2026)

Outra atividade significativa foi a apresentação da trajetória da cientista e pesquisadora Tatiana Lobo Coelho de Sampaio, reconhecida pelo desenvolvimento da polilaminina, molécula experimental promissora para regeneração de lesões medulares e tratamento de casos de paraplegia e tetraplegia. Por meio de slides e vídeos de reportagens, os/as estudantes puderam conhecer sua trajetória de dedicação à pesquisa

científica e compreender a importância de seus estudos para a vida de pessoas que sofreram acidentes ou perderam movimentos do corpo. Esse momento gerou reflexões sobre a importância da ciência, da persistência e da continuidade dos estudos, especialmente para as mulheres da turma, que constantemente compartilharam experiências de luta e superação em suas trajetórias pessoais.

Ao longo das atividades, também foram discutidos os direitos das mulheres e os diferentes tipos de violência — patrimonial, moral, psicológica, sexual e obstétrica — por meio de rodas de conversa que incentivaram a escuta, o acolhimento e o diálogo. Conceitos como sexismo, opressão e desigualdade de gênero surgiram de forma muito significativa durante as conversas, permitindo que os/as estudantes relacionassem os conteúdos trabalhados às suas próprias vivências. Em uma turma majoritariamente feminina, essas discussões favoreceram momentos importantes de reconhecimento, representatividade e fortalecimento coletivo.

Além das atividades de leitura e reflexão, buscamos desenvolver práticas mais lúdicas e afetivas, como um bingo com nomes das mulheres estudadas e das próprias alunas da turma, fortalecendo o sentimento de pertencimento e valorização das identidades. Também foram promovidos momentos em que os/as estudantes puderam compartilhar suas histórias de vida, criando um ambiente de acolhimento, respeito e troca de experiências dentro da sala de aula.

Figura 3: Temas trabalhados na lousa com os estudantes.



Fonte: Autoria própria (2026)

Como encerramento das atividades do mês da mulher, realizamos uma retomada coletiva dos temas discutidos ao longo do período, refletindo sobre direitos, identidade, resistência e enfrentamento das desigualdades de gênero. Inspirados nas contribuições de Bell Hooks, especialmente em relação à educação como prática de liberdade, propusemos a construção de um bilhete coletivo destinado às mulheres da turma. Os/as estudantes

participaram da escrita ditando ideias enquanto as pibidianas atuavam como escribas na lousa. O texto final trouxe mensagens de incentivo à continuidade dos estudos, ressaltando a força, a importância e a trajetória de luta de cada mulher presente naquele espaço educativo.

4. Discussão

As atividades desenvolvidas ao longo da sequência didática evidenciaram avanços significativos no processo de alfabetização dos educandos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), especialmente no que se refere ao reconhecimento de palavras, à ampliação do vocabulário e ao desenvolvimento da oralidade. Tais avanços estão diretamente relacionados à utilização de práticas pedagógicas contextualizadas, que consideram os saberes prévios dos sujeitos e suas experiências de vida, conforme preconiza Paulo Freire (1996, p. 30), ao afirmar que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

Nesse sentido, a adoção de metodologias dialógicas favoreceu o engajamento e a participação ativa dos alunos, possibilitando a construção coletiva do conhecimento. Para além dos aspectos cognitivos, destacam-se importantes avanços no campo socioemocional. Observou-se o fortalecimento da autoestima dos educandos, que passaram a se reconhecer como sujeitos de direitos e protagonistas de suas próprias histórias. Esse processo é especialmente relevante no contexto da EJA, marcado, muitas vezes, por trajetórias de exclusão e interrupção escolar. Conforme destaca Miguel Arroyo (2012, p. 25), é fundamental reconhecer “os educandos como sujeitos de direitos e de saberes”, valorizando suas vivências como parte constitutiva do processo educativo.

5. Resultados obtidos

As rodas de conversa e as atividades de produção oral e de escrita constituíram espaços privilegiados de escuta e expressão, promovendo o protagonismo dos educandos e fortalecendo vínculos coletivos. Tais práticas contribuíram para a construção de um ambiente educativo mais democrático e inclusivo, alinhado à concepção de educação libertadora, na qual o diálogo é elemento central (FREIRE, 1996).

Ademais, as discussões acerca das desigualdades de gênero e das diversas formas de violência revelaram-se fundamentais para o desenvolvimento da consciência crítica dos educandos. Ao problematizar essas temáticas, os alunos ampliaram sua compreensão sobre as relações sociais e as estruturas de poder que atravessam o cotidiano. Essa abordagem dialoga com as contribuições de Bell Hooks (2013), que compreende a

educação como prática de liberdade, defendendo que “a educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender”. (Hooks, 2013, pg.25)

Dessa forma, os resultados obtidos indicam que a articulação entre alfabetização e formação crítica potencializa não apenas a aquisição da leitura e da escrita, mas também contribui para a promoção de uma educação libertadora dos/as educandos/as. Ao promover o desenvolvimento da autonomia, da consciência social e do protagonismo, a prática pedagógica se consolida como instrumento de transformação individual e coletiva, reafirmando o papel social da educação na construção de uma sociedade mais equitativa.

6. Conclusões

O desenvolvimento do trabalho com o tema “Mulheres” no contexto da Educação de Jovens e Adultos evidenciou que a alfabetização pode se tornar significativamente mais potente quando articulada às vivências, histórias e identidades dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

Ao longo das atividades, foi possível observar que, para além dos avanços nas habilidades de leitura e escrita, as alunas passaram a se reconhecer como protagonistas de suas próprias trajetórias. Muitas delas, historicamente marcadas por processos de silenciamento e exclusão, encontraram na sala de aula um espaço de escuta, partilha e valorização de suas experiências. Nesse sentido, a proposta dialoga diretamente com a perspectiva de Bell Hooks (2013) e Paulo Freire (1987), ao compreenderem a educação como prática de liberdade e como espaço de construção de voz.

As discussões sobre direitos, violências e desigualdades de gênero possibilitaram momentos de reflexão profunda, nos quais as alunas puderam identificar situações vivenciadas em seu cotidiano, ressignificando suas experiências à luz do conhecimento construído coletivamente. Esse movimento de conscientização aproxima-se da proposta de Paulo Freire (1987), ao promover uma leitura crítica da realidade e fortalecer a autonomia dos sujeitos.

Além disso, ao trabalhar com trajetórias de mulheres diversas — históricas, contemporâneas e locais — o projeto contribuiu para ampliar o repertório cultural das alunas e fortalecer sua autoestima, ao perceberem que suas histórias também possuem valor e importância. A valorização da identidade, expressa em atividades como o autorretrato e as rodas de conversa, revelou-se fundamental para a construção de vínculos e para o engajamento no processo de aprendizagem.

Outro aspecto relevante foi a criação de um ambiente pedagógico baseado no respeito, na escuta e no acolhimento, aspectos que, conforme aponta Bell Hooks (2001),

são essenciais para uma prática educativa ética e comprometida com o desenvolvimento integral dos sujeitos.

Dessa forma, o trabalho desenvolvido não apenas contribuiu para o avanço no processo de alfabetização, mas também para o fortalecimento da consciência crítica, da autoestima e do sentimento de pertencimento das alunas. Reafirma-se, portanto, a importância de práticas pedagógicas libertadoras que integrem conhecimento acadêmico e realidade social, promovendo uma educação verdadeiramente significativa e transformadora na EJA.

Assim, é urgente pensar a formação docente a partir da formação democrática freireana que, inclusive, caracteriza-se como referência importante para as ações do PIBID em salas de aula da EJA. Em torno dessa concepção, a potencialidade da práxis pedagógica em trabalhar temáticas em educação para a construção de um mundo mais humanizado se destaca. Uma inovação comprometida com a ciência, com a aprendizagem, com o diálogo, com sonhos e melhoria das relações humanas.

Sabemos que temos ainda muitos elementos e desafios a serem discutidos a partir do eixo de discussão deste relato, porém, estamos certas de que o diálogo e a práxis pedagógica são as chaves para o êxito do desenvolvimento profissional nesse âmbito. Uma coerência assumida, afirmada e reafirmada no compromisso de nosso papel enquanto formadora, expressada na dualidade das palavras: ação e reflexão. Uma coerência que nos leva ao anúncio de que outra formação é possível, àquela que permite maior igualdade social e educativa. Sendo assim, parece-nos iminente pensarmos a práxis pedagógica como agentes de transformação.

7. Referências

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. Petrópolis: Vozes, 2017.

RIBEIRO, Vera Maria Masagão (coord). **Educação para jovens e adultos: proposta curricular – 1º segmento**. São Paulo: Ação Educativa, Brasília: MEC, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo:** políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2000.

ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre:** imagens e autoimagens. Petrópolis: Vozes, 2012.